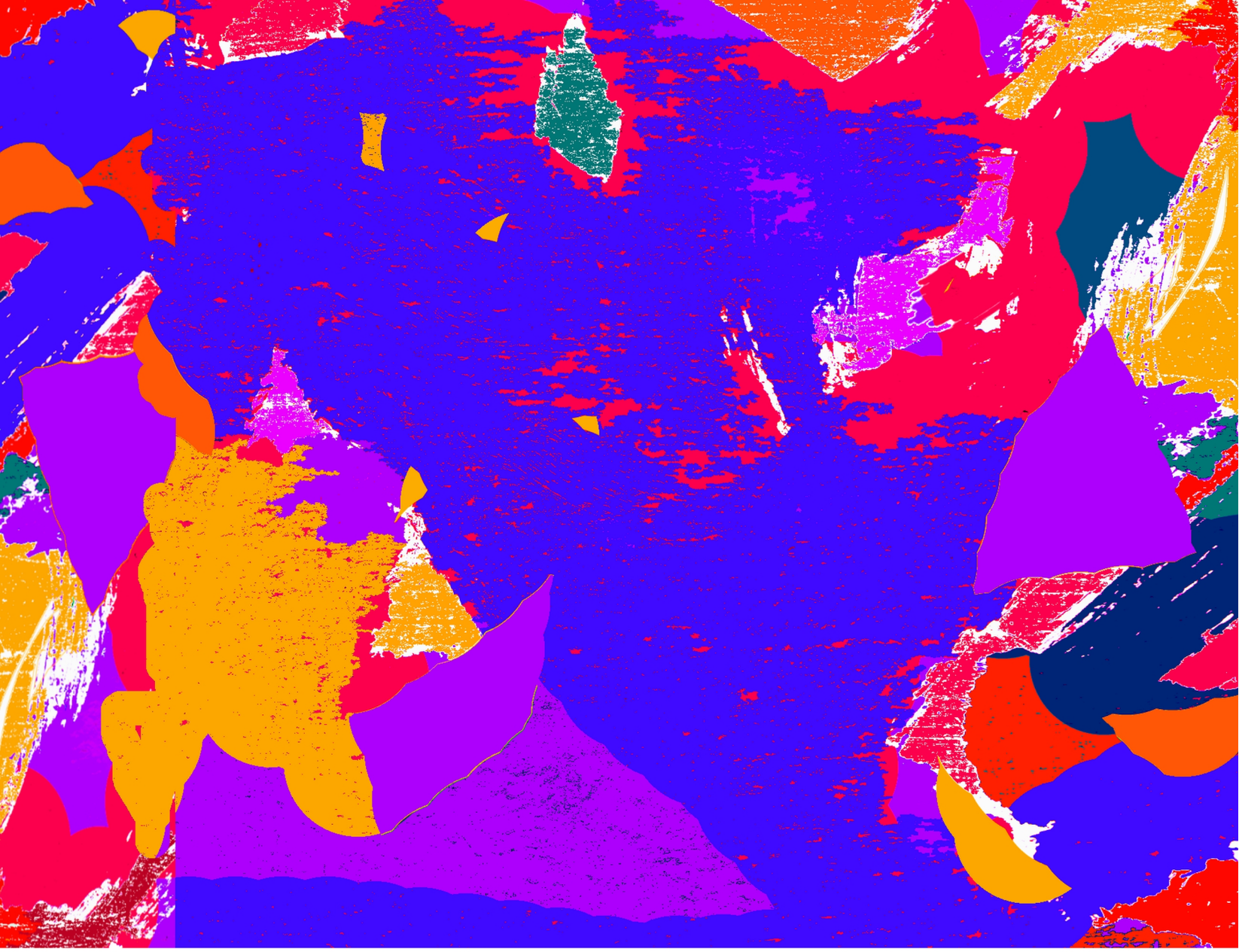
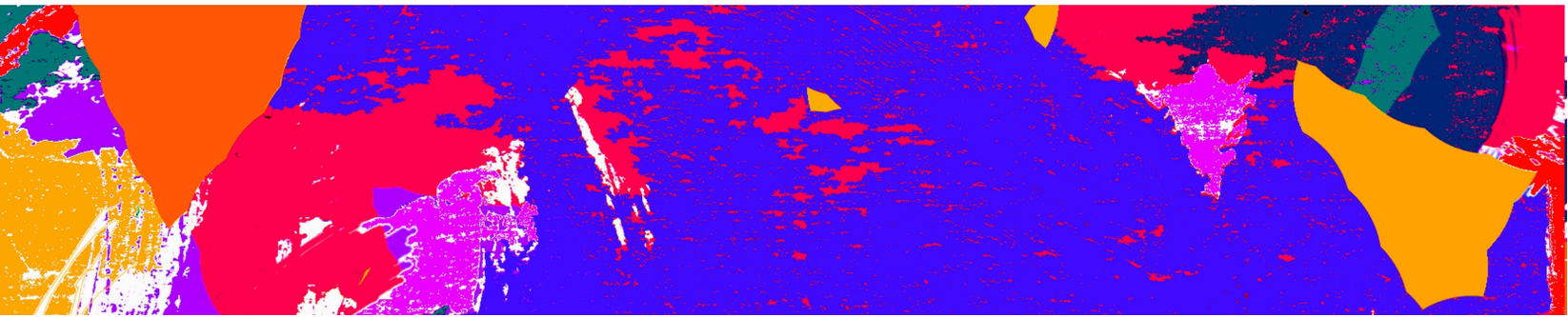


Marcelo Guimarães Lima

A MÚSICA NA PAISAGEM

C E P A O S
CENTRO DE PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO E CULTURA



Marcelo Guimarães Lima

A MÚSICA NA PAISAGEM

documentos ocasionais /
occasional papers

Cadernos do CEPAOS
ISSN 2447-889X

CADERNOS DO CEPAOS

Centro de Estudos e Pesquisas Armando de Oliveira Souza

www.cepaos.org

https://cadernosdocepaos.blogspot.com

A música na paisagem

Marcelo Guimarães Lima

Que o compositor trabalha com formas gráficas, a escrita musical, simbolizando a matéria sonora é algo que todos sabem. Que haja uma relação talvez mais profunda ou mais decisiva entre a representação gráfica, a forma visível e a matéria representada na criação musical é uma questão menos evidente e, por isso, menos refletida, ou vice-versa.

É sabido que a paisagem do Rio de Janeiro inspirou Villa Lobos: as formas gráficas da linha das montanhas na baía da Guanabara serviram ao compositor de ponto de partida para o desenho melódico e rítmico na sua Sinfonia n. 6, explicitamente denominada "Sobre a Linha das Montanhas do Brasil".

A "composição por imagens" como método em Villa Lobos parte da visão da paisagem e seus ritmos lineares, o entrelaçado das cadências visuais, texturas, tonalidades e cores, para a música como uma espécie de "explicitação" do universo sonoro que jaz no fundo das coisas e dos seres, a forma sonora como reverberação purificada dos ritmos do real, possibilitando deste modo a tradução e transfiguração do pulsar das coisas nos ritmos internos da subjetividade.

Concepção essencialmente romântica e estetizante de uma "alma musical universal" e de uma música "pictórica"? Em Villa Lobos, a "recriação" musical da paisagem é, ao mesmo tempo, algo "mais" e algo "menos" do que simples "romantismo" estético.

Na medida em que o romantismo, devidamente considerado, isto é, considerado em seu sentido próprio e amplo, como adiantou Hegel, é o solo profundo da modernidade nas artes, a "dimensão romântica" está presente em toda obra de arte genuinamente moderna.

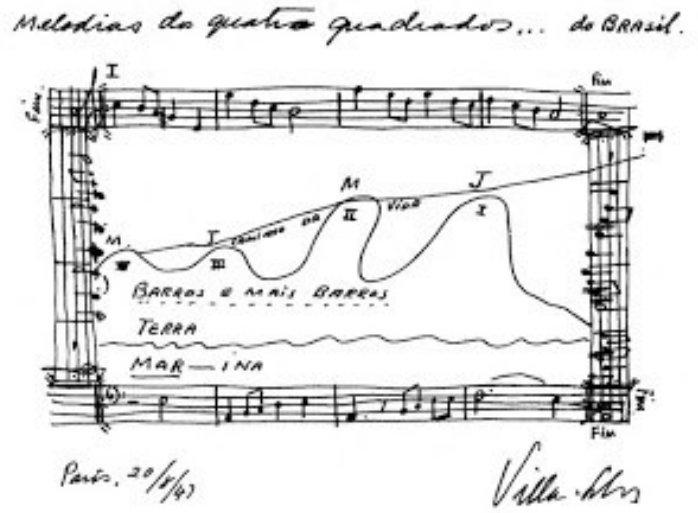
Na medida em que o método e a construção consciente e explícita, ou que se quer como tal, definem a modernidade artística, em Villa Lobos o procedimento gráfico e a visualidade e materialidade do signo gráfico como ponto de partida da criação musical, o pensamento por imagens visuais, a "espacialização" da música, a justaposição entre procedimentos e materiais heterogêneos, formas e matérias de natureza diversas, ultrapassa o mero "sentimento romântico" (a "pura espontaneidade" e receptividade emotiva) e ao seu modo busca o *estranhamento*, a *des-familiarização* como condição e método, descrito e teorizado magistralmente pelos formalistas russos no início do século XX, na base dos processos de ruptura dos gêneros, das formas e da própria obra

Marc Ferrez (1843 — 1923) Morro Dois Irmãos visto do Arpoador, Ipanema, Rio de Janeiro, c.1895

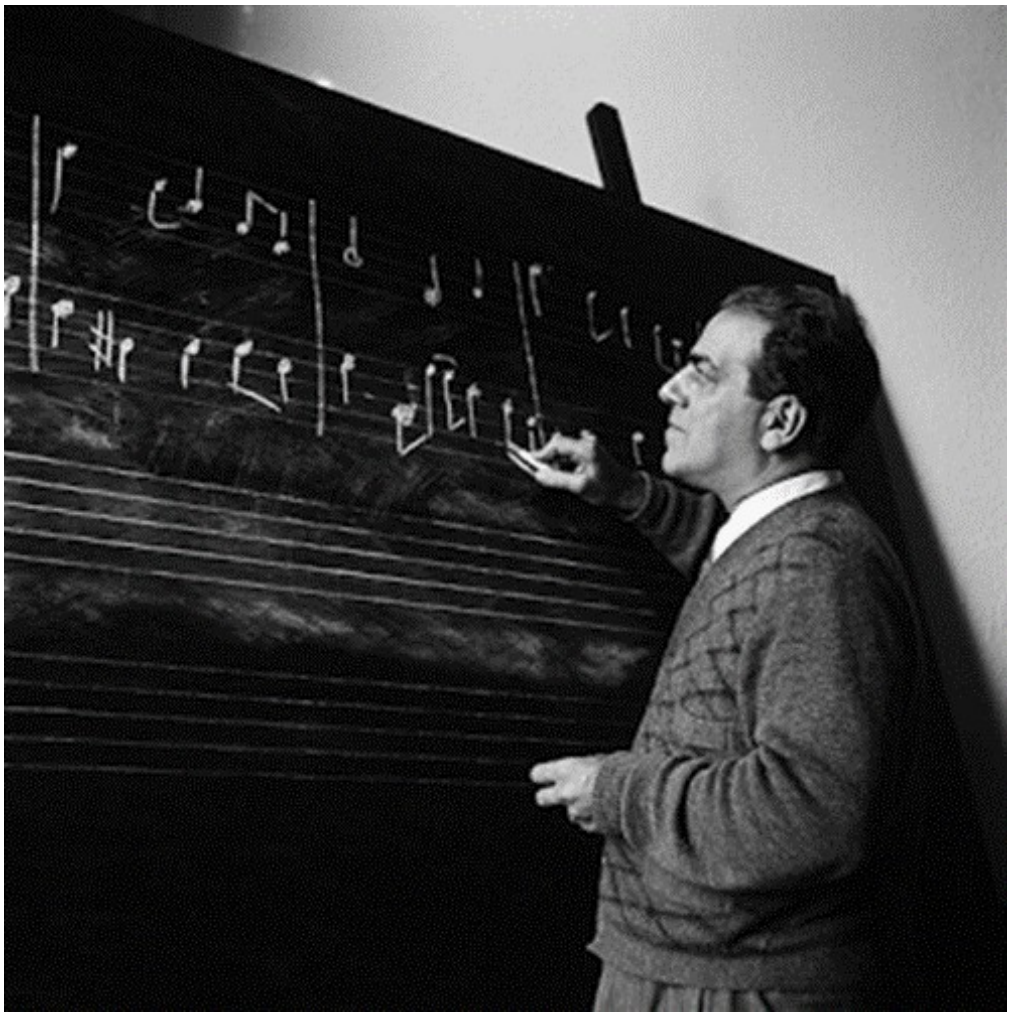
Heitor Villa Lobos (1887-1959)

de arte, que marca a passagem entre as épocas artísticas pré e proto modernas no século XIX tardio, e o desenvolvimento da arte moderna como tal.

No sentido de registros díspares que se combinam em unidades novas e mutantes, que explicitam as suas formas de construção como processo emergente e como "inquietude" da obra, como síntese "provisória" sempre a se ultrapassar numa abertura ao outro (outro tempo, outro espaço, outro modo possível de ser, etc.), heterogeneidade e alteridade que produzem, deste modo, a identidade da obra e portanto do sujeito que a constitui e é por ela constituído, neste sentido é que a "paisagem musical" em Villa Lobos é obra moderna, isto é, consciente de seus materiais e procedimentos, consciente de seus limites: obra-limite - aquela que vive conscientemente no intervalo entre dois tempos e duas matérias, no hiato da passagem sempre a se refazer, no *entretempo*, entre o passado e o futuro, entre o que foi e o que será. A síntese artística traduz a experiência humana do tempo como síntese: como presença e devir.



Partitura – desenho de Villa Lobos



Heitor Villa Lobos, 1944

Uma montanha do Rio de Janeiro, o morro "Dois Irmãos", inspirou, no que poderíamos chamar de "linhagem imaginativa e criativa de Villa Lobos", a canção homônima de Chico Buarque de Holanda no álbum "Chico Buarque" de 1980.

Dois Irmãos, quando vai alta a madrugada

E a teus pés vão-se encostar os instrumentos

Aprendi a respeitar tua prumada

E desconfiar do teu silêncio

O compositor-poeta contempla a montanha, dia após dia, ou mais propriamente, noite após noite, quando cessa o trabalho do dia e vislumbra, descobre, na imponência e na quietude da montanha, no seu *ser-aí*, algo como um "outro lugar" e uma "outra face": na sua materialidade, na solidez da rocha e em seus contornos um ritmo, uma pulsação, como uma vibração sonora se anuncia, se revela.

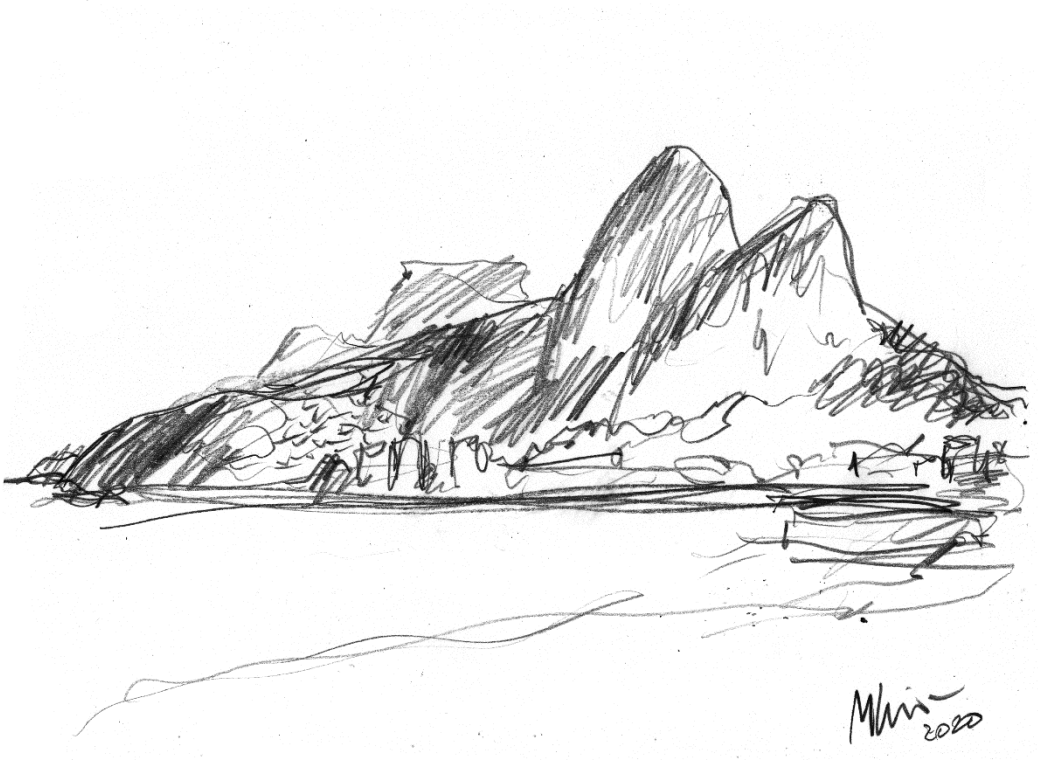
Penso ouvir a pulsação atravessada

Do que foi e o que será noutra existência

É assim como se a rocha dilatada

Fosse uma concentração de tempos

A rocha dilatada, partida ao meio, deixa entrever o vazio no seu cerne, a sua "outra face", o não-ser, o nada que a estrutura e define "por dentro", o reverso e o avesso, que, como “vazio", como intervalo, como silêncio, o silêncio da rocha, é condição primeira de emergência da musicalidade como unidade de som e silêncio, de movimento e repouso, tensão e distensão, assim como a figura é unidade de luz e sombra.



Marcelo Guimarães Lima - Morro Dois Irmãos, lápis sobre papel, 21,5x28 cm, 2020

A rocha dilatada traz em si as marcas do tempo de sua formação: é um retrato das forças e dos processos que a constituíram, um retrato do seu tempo passado, das suas transformações, como toda forma o é: uma síntese (provisória), um equilíbrio (momentâneo) das forças que a fizeram, fazem e irão desfazer e refazer, tanto material quanto idealmente, no futuro.

É assim como se o ritmo do nada

Fosse, sim, todos os ritmos por dentro

Ou, então, como uma música parada

Sobre uma montanha em movimento

Exemplar neste sentido, a montanha revela ao músico-poeta a síntese dos tempos: os tempos musicais, verbais, os tempos vividos e por vir, os tempos imaginados, os tempos das palavras, das cadências, das melodias possíveis no e pelo silêncio. Por meio, igualmente, dos ritmos gráficos, os tempos da forma e da contra-forma, dos intervalos, dos contrastes entre os sólidos e os espaços vazios, cuja junção nas superfícies define a imagem.

A montanha viva, pulsante e prenhe do tempo, a montanha em movimento guarda em si e revela, como num retrato, a música que, feita imagem, contorno e paisagem, pode ser contemplada: a música parada, a música feita figura, na identidade dos ritmos e das linhas visuais e sonoras.

A melodia é linha, contorno, a harmonia é figura, a música é ao mesmo tempo fluxo e estrutura - estrutura gráfica na página, como em Villa Lobos, traduzindo a paisagem e estrutura da experiência vivida do fluir, da respiração, da energia do corpo em movimento e seus ciclos ativos de afastamento e retorno dinâmico ao equilíbrio: a tradução, em pulsão interna formalizada, da experiência do corpo próprio e do corpo outro no espaço e no tempo.

Algo da "poética do pensamento" ou da "poética da reflexão" de João Cabral de Mello Neto (e igualmente da escrita “teórica” de Clarice Lispector) ecoa nos versos de Chico Buarque e nos temas da temporalidade, da matéria, do nada, do ser. A matéria sonora e imaginativa do autor carioca, no entanto, unindo música e palavras, constituem um universo sensorial e estético próprio, específico da canção ao mesmo tempo

relacionado e distinto do (e, em certo sentido, incomensurável em relação ao) universo da poesia como arte literária.

A melodia e a harmonização, com lembranças de Debussy segundo a observação próxima e especializada de Edu Lobo, sugerem recorrência e variações cíclicas como explicitação contínua dos temas poéticos em cada uma das estrofes, unificados na imagem da montanha.

Fecha-se o círculo: a música materializada na montanha faz ver ao compositor a fonte de suas canções. A montanha: a imagem de um tempo fora do tempo, um tempo fora de si, como a própria criação é descentramento da linguagem e da vivência subjetiva. A criação inverte o sentido comum da compreensão do sujeito poético: a paisagem contempla o artista.

Chico Buarque no palco

Marcelo Guimarães Lima é artista plástico, pesquisador, escritor e professor. PhD em História da Arte pela University of New Mexico (EUA) e Master of Fine Arts pela mesma universidade. Bacharel em filosofia pela Universidade de São Paulo com pós doutorado pelo mesmo Departamento de Filosofia da USP. Foi professor contratado na University of Illinois (Springfield, IL, EUA), Goddard College (Planfield, VT, EUA) , American University in Dubai (EAU) e professor visitante, entre outros, na Universidad Internacional de Andaluzia (Huelva, Espanha), Universidade de Salamanca (Espanha), Art Institute of Chicago (EUA).

mguimaraeslima@gmail.com

Instagram: @marceloguimaraeslima.studio

academia.edu

marceloguimaraeslima-art.blogspot.com

A presente publicação é versão parcialmente modificada de texto originalmente publicado no antigo blog *Malazartes* em 2012

MALAZARTES
www.malazartes.net

copyright © Marcelo Guimarães Lima, 2020, texto e desenhos originais